

Pão, circo e sucessão

*MARCELO DE PAIVA ABREU**

O que pode estar ocupando a cabeça política do presidente Lula na passagem de ano-novo? Pão, circo e sucessão são bons candidatos a concentrar as suas preocupações: política econômica, encantamento das massas e alternativas para a sua sucessão.

Pão - Este é o tema central no curto prazo. O presidente, depois de demonstrar exemplar circunspeção durante boa parte do seu primeiro mandato, começou a fraquejar quanto ao compromisso com políticas macroeconômicas prudentes, ao sancionar o abandono de metas de equilíbrio fiscal de longo prazo. Com a saída de Antonio Palocci do Ministério da Fazenda, a dobradinha Rouseff-Mantega patrocinou com crescente desenvoltura um "modelo" de desenvolvimento baseado de forma importante na expansão dos gastos públicos. A ministra da Casa Civil mais ao fundo da quadra, o sucessor de Palocci desempenhando o papel recorrente de marionete loquaz. O avanço da ampla coalizão pró-gasto público, e que não demonstrava preocupação com a sustentabilidade da estratégia, chegou ao fim com a derrota na renovação da CPMF

As declarações presidenciais após a derrota no Congresso, desautorizando manifestações intempestivas quanto a compensações pela perda de receita, indicam que poderia estar ocorrendo alguma reavaliação presidencial quanto ao balanço entre a nova estratégia de crescimento acelerado - mesmo que baseada de forma importante em expansão explosiva de gastos - e as políticas macroeconômicas prudentes que tiveram papel tão importante na sua reeleição. Alternativamente, o presidente poderia estar só ganhando tempo e estaria disposto a retomar a ofensiva em favor de aumento de gastos públicos e do peso do Estado na economia. Esta possibilidade parece menos provável, dada a propalada ojeriza presidencial a comprometer de forma significativa os resultados da estabilização e ao seu reconhecimento da estabilidade de preços como grande eleitor na vida política recente do País. Há claros sinais de reversão da situação econômica internacional: o ano que entra vai ser decididamente pior do que 2007. As dúvidas são quanto à intensidade da retração de demanda e à eficácia de sua transmissão aos mercados mais relevantes para o Brasil. Há também sinais de aquecimento da demanda na economia brasileira, dada a incompatibilidade entre os ritmos de expansão da demanda e da capacidade instalada. Neste cenário, vai ser difícil o presidente continuar a permitir que viceje a alternativa baseada na expansão do gasto público, num quadro em que será certamente requerida política monetária mais apertada.

Circo - Em território nacional, o presidente tem pleno controle da sua máquina de propaganda. A partir da fragilização do PT, à raiz de sucessivos escândalos que comprometeram a sua imagem de partido renovador da vida política do País, o presidente tem enfatizado a relação direta com as massas ao estilo populista. A diferença é que ao invés de velhos políticos carcomidos e corruptos, agora se trata de

um homem do povo, ex-metalúrgico, nordestino, com cabedal de luta contra a ditadura, paradigma da possibilidade de sucesso dos pobres, promotor de políticas que beneficiam o povo. Esta estratégia de superação do fracasso na construção partidária tem tido notável sucesso, mas é propensa à fadiga por excesso de uso, além das óbvias dificuldades de transferência de capital político na ausência de máquina partidária eficaz.

À escala global, entretanto, o presidente depende do Itamaraty para replicar no exterior o seu *modus operandi* no País. Não é trivial, entretanto, conciliar a celebração internacional de Lula, o metalúrgico democrata que se tornou presidente, com política externa compatível com um balanço equilibrado de "interesses nacionais". A julgar por desenvolvimentos recentes, depois de um lustro de relações excessivamente íntimas com líderes populistas sul-americanos, com lugar proeminente para Hugo Chávez, o presidente pode estar reconsiderando a sua posição, rumo a postura mais circunspecta. Na última reunião presidencial do Mercosul, Lula marcou distância em relação a Chávez e seus satélites, recusando-se a fazer coro às usuais denúncias de imperialismo para acobertar inépcias nacionais. Embora o Itamaraty se venha dedicando com afinco à tarefa de demonstrar que os objetivos centrais de política externa têm sido alcançados, não é isso que mostram os fatos quanto à reforma das Nações Unidas, à liderança brasileira na América do Sul e aos resultados de negociações multilaterais que atendam efetivamente aos interesses nacionais. Talvez Lula esteja cansado com a falta de resultados da política externa ativa e queira variar o cardápio.

Sucessão - A escolha de políticas quanto a pão e circo tem como pano de fundo o cálculo político do presidente com relação à sua sucessão. Sempre existe a hipótese radical de terceiro mandato, embora muitos duvidem que o presidente queira incorrer em tal custo político. A essência do problema é que a "situação" tem falta de candidatos e a oposição tem candidatos em excesso. As alternativas do Planalto parecem fracas, desde o mercurial Ciro Gomes até a teflônica Dilma Rousseff. Estará o presidente tentado a aprofundar a aproximação com os governadores de oposição no episódio da CPMF em preparação a Lula 2014? Terreno perigoso.

O futuro do País nos próximos anos depende crucialmente das escolhas que o presidente fizer após esta passagem de ano-novo. Esperemos que faça as boas escolhas.

***Marcelo de Paiva Abreu, Ph.D. em economia pela Universidade de Cambridge, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio**